Apresentação

Sandra Maria Costa dos Passos Colling

Universidade Feevale - BIEV/UFRGS, Brasil
Porto Alegre, RS
sandracolling@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-3094-1111

Cristian Leandro Metz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (BIEV), Brasil
Florianópolis, SC
crismetz@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-2294-5932

O Dossiê "Memória e trajetórias de mulheres: experiências, narrativas e resistências" permite o encontro de diversas áreas de conhecimento e linhas de pesquisa em interface com a Antropologia, Ciências Sociais, Educação, entre outras, com suas perspectivas teóricas, procedimentos metodológicos e territórios, com o interesse comum em compreender as experiências de mulheres e os modos pelos quais suas memórias, saberes, práticas e trajetórias são produzidos, narrados, preservados e ressignificados. Ao colocar as experiências femininas no centro da reflexão, o dossiê dialoga com uma perspectiva que compreende a memória e as trajetórias como dimensões fundamentais para a interpretação dos processos históricos, sociais e culturais, especialmente quando se trata de experiências que permaneceram à margem dos registros e narrativas hegemônicas.

A diversidade dos artigos reunidos pode ser compreendida, inicialmente, a partir da relação entre memória e vida social. Em Maurice Halbwachs (2006), a memória não se restringe a uma experiência individual, pois é construída e reconstruída nas relações que os sujeitos estabelecem com os grupos dos quais participam. As lembranças encontram, portanto, referências nos grupos, nos lugares, nas relações e nas experiências compartilhadas. Essa compreensão permite aproximar os diferentes trabalhos que recuperam histórias de mulheres por meio de narrativas orais, entrevistas, histórias de vida, documentos, fotografias, objetos, arquivos familiares, práticas culturais e registros institucionais. A memória aparece, assim, como uma construção social que possibilita preservar experiências, reelaborar acontecimentos e produzir sentidos sobre o passado a partir do presente.

Essa perspectiva está presente em diferentes formas de memória mobilizadas pelos artigos selecionados. Há memórias familiares associadas a objetos herdados, memórias relacionadas às experiências profissionais e educacionais, memórias de mulheres negras, memórias vinculadas a territórios quilombolas, memórias políticas e prisionais, memórias de práticas religiosas, memórias de trabalho e cuidado e memórias inscritas em imagens e materialidades. Os adornos femininos herdados, por exemplo, são compreendidos como arquivos afetivos de trajetórias familiares; as arpilleras e os lenços produzidos por mulheres em Santiago e Buenos Aires constituem formas materiais de produção e transmissão de memórias coletivas; e fotografias preservadas no acervo de Inês Etienne Romeu participam da construção da memória do encarceramento político durante a ditadura civil-militar brasileira.

Se Halbwachs possibilita pensar a memória em sua dimensão coletiva e relacional, Gilberto Velho (2003, 2006, 2008) contribui para compreender as trajetórias como processos construídos na relação entre indivíduos, contextos sociais, projetos e campos de possibilidades. A trajetória, nessa perspectiva, não é entendida como um percurso previamente determinado, mas como uma construção que se desenvolve diante das possibilidades e limites colocados pelas circunstâncias sociais. O conceito de projeto permite ainda compreender que os sujeitos atribuem sentidos às experiências vividas e orientam suas ações a partir de expectativas e possibilidades de futuro. A relação entre trajetória, projeto e campo de possibilidades torna-se especialmente produtiva para a leitura deste dossiê, no qual diferentes mulheres narram percursos marcados por deslocamentos, escolhas, enfrentamentos, rupturas, permanências e reconstruções.

Os artigos percorrem, nesse sentido, diferentes trajetórias femininas: mulheres que atuaram na imprensa e no movimento abolicionista, mulheres negras na educação e na docência, trabalhadoras domésticas, trabalhadoras transfemininas, mulheres gestoras, estudantes mães, mulheres envolvidas em práticas de cuidado, lideranças religiosas e comunitárias, mulheres que enfrentaram situações de violência e mulheres cujas experiências estão vinculadas a territórios tradicionais. A trajetória individual, portanto, não é apresentada como uma história isolada, mas como possibilidade de compreender relações sociais e processos históricos mais amplos. A experiência singular permite aproximar-se das estruturas e dos contextos nos quais essas mulheres constroem seus projetos, reelaboram suas identidades e produzem estratégias diante das possibilidades que encontram.

A diversidade territorial dos estudos reforça essa compreensão. As pesquisas percorrem diferentes regiões brasileiras, passando pela Paraíba, Pará, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul e Alagoas, além de estabelecerem diálogos com experiências latino-americanas, africanas e europeias. Em vez de constituir apenas uma localização geográfica, os territórios aparecem como dimensões constitutivas das experiências: lugares de pertencimento, trabalho, circulação, memória, conflito, cuidado, sociabilidade e produção de saberes. A trajetória de uma mulher, nesse sentido, também é uma trajetória pelos espaços que habita, percorre, transforma e nos quais constrói relações.

Ao pensar as relações entre indivíduo e sociedade e, particularmente, as formas de sociabilidade e a experiência da vida nas grandes cidades, Simmel (1979) permite compreender a cidade como espaço de encontros, deslocamentos, diferenças, tensões e produção de experiências. Os sujeitos urbanos participam de múltiplas relações e circulam por diferentes mundos sociais, produzindo formas particulares de pertencimento e interação. Essa perspectiva dialoga com os artigos que acompanham experiências femininas nos espaços urbanos, nos deslocamentos entre cidades, nas relações de trabalho e na ocupação dos espaços públicos.

A experiência urbana e laboral de uma mulher que exerceu o trabalho sexual em diferentes cidades de Santa Catarina e do Paraná, por exemplo, permite observar como deslocamentos, saberes, estratégias e relações sociais constituem uma trajetória marcada pela circulação entre diferentes contextos urbanos. De maneira distinta, o estudo realizado no Parque da Lagoa, evidencia como mulheres produzem sentidos de pertencimento, fruição e cuidado a partir de suas experiências cotidianas no espaço público, ao mesmo tempo em que vivenciam questões relacionadas à segurança e à permanência. Em ambos os casos, a cidade deixa de ser apenas cenário e passa a ser compreendida como parte da própria experiência social.

Ao voltar-se para as maneiras pelas quais os sujeitos utilizam, percorrem e ressignificam os espaços e as estruturas que lhes são apresentadas, Certeau (1998) permite pensar o cotidiano como lugar de práticas, invenções e apropriações. As “maneiras de fazer” evidenciam que os sujeitos não apenas ocupam espaços e instituições, mas desenvolvem modos próprios de utilizá-los, percorrê-los e produzir sentidos. Essa perspectiva é particularmente pertinente para as pesquisas que acompanham deslocamentos, práticas de cuidado, ocupação dos espaços públicos, experiências de trabalho, estratégias de resistência e formas cotidianas de existência.

A partir dessa aproximação, as trajetórias femininas apresentadas no dossiê podem ser compreendidas não somente pelas grandes estruturas sociais que as atravessam, mas também pelos gestos cotidianos, pelas escolhas, pelos deslocamentos, pelas redes de relações e pelas estratégias construídas diante das situações vivenciadas. O cotidiano torna-se, assim, espaço de criação e negociação. As experiências de mulheres gestoras em instituições predominantemente masculinas, as práticas de cuidado de mulheres negras, as estratégias mobilizadas por trabalhadoras transfemininas, as experiências de estudantes mães e as práticas de autodefesa feminista

revelam diferentes formas de agir e produzir possibilidades dentro de contextos que apresentam limites e desigualdades.

A relação entre memória, trajetória e cotidiano também se manifesta nos estudos sobre trabalho e cuidado. As trajetórias de trabalhadoras domésticas articulam gênero, cuidado, informalidade, formalização e cidadania, evidenciando como transformações legislativas interferem nos projetos e nas memórias construídas ao longo da vida. As experiências das beguinas medievais, por sua vez, recuperam práticas femininas de cuidado e sua dimensão histórica, místico-religiosa e social. Em diferentes temporalidades, os artigos mostram que o cuidado constitui uma prática social que atravessa trajetórias, relações e formas de organização da vida.

A educação constitui outro importante espaço de construção de trajetórias. As experiências de mulheres negras na educação de jovens e adultos e na docência, assim como as vivências de estudantes mães na graduação, revelam instituições atravessadas por diferentes relações sociais e, simultaneamente, constituem espaços nos quais as mulheres elaboram experiências, produzem conhecimentos, retomam projetos e constroem formas de resistência. Sob a perspectiva de Velho, essas experiências podem ser compreendidas a partir da relação entre trajetórias e projetos; em diálogo com Certeau (1998), podem também ser observadas nas práticas cotidianas por meio das quais os sujeitos se movimentam dentro das instituições e constroem suas próprias maneiras de fazer.

A dimensão histórica do dossiê igualmente se amplia quando as experiências de mulheres são relacionadas aos processos sociais de diferentes épocas. A trajetória de uma mulher nascida escravizada que alcançou posição de administração em uma tipografia e direção de um periódico na Paraíba oitocentista, assim como as trajetórias de mulheres que participaram do movimento abolicionista em Belém, permite recuperar presenças femininas em espaços políticos, culturais, associativos e intelectuais. De forma semelhante, as trajetórias de mulheres vinculadas ao cuidado de pessoas com hanseníase, no antigo Asilo-Colônia São Julião, possibilitam observar relações entre instituição, doença, isolamento, cuidado e memória na segunda metade do século XX.

As experiências de mulheres negras constituem ainda uma dimensão significativa do dossiê. Os artigos percorrem contextos de educação, docência, saúde, cuidado, trabalho, territórios quilombolas e participação institucional, evidenciando como as trajetórias são atravessadas por diferentes formas de desigualdade e

enfrentamento. A partir dos conceitos de memória coletiva, trajetória e práticas cotidianas, essas experiências podem ser compreendidas não somente como registros de acontecimentos passados, mas como processos nos quais as mulheres reelaboram suas histórias, constroem pertencimentos, preservam saberes e produzem novos sentidos para suas experiências.

Os territórios tradicionais também evidenciam essa articulação. No quilombo de Salvaterra, no arquipélago do Marajó, memória, saberes ancestrais, cuidado com a terra, economia solidária, medicina tradicional e ocupação institucional aparecem associados a processos de reexistência e defesa do território. Nessa perspectiva, a memória não se limita à recordação: ela se mantém presente em práticas, conhecimentos e modos de viver. O passado é continuamente atualizado nas ações do presente, enquanto as práticas cotidianas contribuem para a continuidade de saberes e formas coletivas de existência.

Mais do que reunir narrativas distintas, os textos permitem perceber aproximações entre experiências que, embora situadas em diferentes tempos e lugares, são atravessadas por questões recorrentes: os processos de silenciamento e visibilização, as disputas de memória, a construção de identidades, a transmissão de saberes, as experiências de trabalho e cuidado, os deslocamentos, a ocupação de espaços públicos e institucionais e as diferentes formas de resistência. As trajetórias individuais, nesse sentido, não se encerram na dimensão biográfica. Elas provocam e tensionam de modo a perceber relações sociais, modos de vida e processos históricos mais amplos.

Ao reunir essas pesquisas, o dossiê reafirma a memória como campo de produção de conhecimento e como espaço no qual passado e presente se encontram. Narrativas, objetos, imagens, documentos, práticas, territórios e saberes tornam-se caminhos para acessar experiências femininas e compreender os sentidos que lhes são atribuídos. Ao mesmo tempo, revelam que lembrar é também construir, selecionar, compartilhar e transmitir, fazendo da memória uma dimensão fundamental da vida social.

A expressiva procura pelo dossiê “Memória e trajetórias de mulheres: experiências, narrativas e resistências”, acompanhada da diversidade temática e da qualidade dos trabalhos submetidos, revelou a amplitude e a atualidade das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas em torno das experiências, memórias e trajetórias de mulheres. Diante da riqueza das contribuições recebidas e da impossibilidade de reunir,

em uma única edição, a totalidade de estudos que dialogam com a proposta, tornou-se necessário organizar o dossiê em duas partes.

Esta primeira parte reúne um conjunto de artigos que, por diferentes perspectivas, metodologias e campos de investigação, colocam em evidência experiências femininas situadas em distintos tempos, espaços e contextos sociais. Na sequência, uma segunda parte dará continuidade a esse percurso, acolhendo outro grupo de pesquisas igualmente significativo, de modo a contemplar a diversidade e a riqueza das investigações que responderam à chamada. Mais do que uma divisão editorial, essa organização expressa a vitalidade de um campo de estudos que permanece produzindo novas perguntas, recuperando memórias, trazendo à cena trajetórias muitas vezes invisibilizadas e ampliando as possibilidades de compreender e narrar as experiências das mulheres.

Referências

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11-25.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

Crédito da imagem das capas

Sorver – De autoria de Sandra Maria Costa dos Passos Colling – Técnica mista, 2026.